

ECLOSÃO NO BRASIL DAS VERTENTES POSITIVISTAS

*José Mauricio de Carvalho**

RESUMO: Este trabalho traça o perfil das principais vertentes do positivismo brasileiro e explica suas especificidades a partir da herança lusa. Os moralistas da geração pombalina semearam certas crenças que irão influenciar no modo como os ideais positivistas foram veiculados no Brasil. Esta circunstância explica as diferenças entre as vertentes francesa e brasileira do movimento.

Palavras-chave: positivismo - vertentes - moral - sociedade - política

RÉSUMÉ: Ce travail trace le profil des principaux versants du positivisme brésilien et explique leurs spécificités à partir de l'héritage lusitanien. Les moralistes de la génération pombalienne ont cultivé certaines croyances qui influenceront de la manière où les idéaux positivistes ont été véhiculé au Brésil. Cette circonstance explique les différences entre les versants français et brésilien du mouvement.

Mots-clé: positivisme - versant - morale - société - politique

Introdução

O positivismo significou, para vários pensadores, uma resposta adequada para a vida humana e a organização social. A filosofia ibérica, nos séculos XVI-XVIII, conduziu o enfrentamento destes problemas para as soluções apontadas pela religião, perpetuando o ideal ético, gestado da Idade Média. As conclusões propostas pareciam o remédio correto, tanto para enfrentar o estado interior de incerteza quanto para explicar o destino do homem e do universo. Foi quando tornou-se imperioso considerar a vida dos homens sem se valer desta explicação tradicional, isto é, foi no contexto laicizante da filosofia moderna, que os intelectuais ibéricos tentaram estabelecer novas trajetórias filosóficas. Pareceu, aos modernos, que o mais importante não era a salvação da alma, mas a

* Professor do Departamento das Filosofias e Métodos da FUNREI.

organização de uma vida terrena satisfatória. A diferença de ideais existentes nos variados momentos históricos é resultado da evolução da cultura e já foi descrita como se segue: *os ciclos históricos promovem o remanejamento da hierarquia de valores, com reflexos significativos na moral social* (Paim, 1992. p. 77). A tradição herdada da filosofia portuguesa marcou boa parte do esforço empreendido pela filosofia brasileira no século XIX. A adoção do positivismo significou, naquele momento, uma tentativa de superar as grandes incertezas humanas, mas as soluções encontradas não significaram uma libertação das tradições ibéricas. Conforme indicaremos, tais tradições irão explicar o perfil assumido pelos positivistas brasileiros.

I . O positivismo apresenta-se como alternativa de mudança social

Os tempos modernos apresentaram-se como um momento de renovação das mentalidades e das formas de organização social. Immanuel Kant (1724-1804) referiu-se a esta época como aquela na qual a humanidade saía de sua infância. *A menoridade é a incapacidade, explicou, de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo* (Kant, 1985. p. 100).

Inúmeras foram, nos tempos modernos, as propostas de renovação das teorias e da organização política da sociedade, o positivismo de Augusto Comte (1798-1857) foi uma delas. O positivismo veiculou a fé na ciência e no progresso histórico, apostando na razão positiva para promover a prosperidade econômica e moral das sociedades. O que fez dela uma proposta atrativa para os intelectuais brasileiros? Parece-nos que foi *o seu propósito de reformar a vida social e política de modo a constituí-la numa nova unidade, não mais sobre a base da religião tradicional, mas sobre a base da nova religião da ciência positiva* (Sciacca, 1968. v. III. p. 144). Esta viria a ser uma das preocupações da intelectualidade brasileira em seu esforço de modernização, estabelecer um novo fundamento para nutrir o tecido social.

O cerne do projeto político social positivista era a reforma da sociedade, através da incorporação da ciência, conforme observou outro reconhecido historiador da filosofia. *O homem, nesta época, afirmou, julgou ter encontrado na ciência a garantia infalível do seu próprio destino. Por isto rejeitou, considerando-a inútil e supersticiosa, toda garantia sobrenatural* (Abbagnano, 1970. v. X, p. 168). Em síntese, o projeto propugnava que se a ciência ajudara o homem a entender as leis imutáveis que regulamentavam o curso da natureza, podia também auxiliá-lo a organizar a sociedade. A razão abstrata era um instrumento pouco eficiente para realizar esta tarefa, motivo pelo qual o seu produto, a metafísica, devia ser abandonado em favor da ciência. Essa última

era resultado da razão experimental sugerindo que, no curso da história, a incorporação da mentalidade científica, no denominado estágio positivo, superaria o metafísico, como este, por sua vez, superara o primitivo estágio teológico. A sucessão de estágios, anteriormente mencionada, não correspondia ao curso fortuito dos acontecimentos, mas traduzia uma dinâmica social, onde o progresso era entendido como lei histórica. A idéia de um processo social que evoluía em direção à racionalidade científica traduz a confiança de que a humanidade adquiriu, com esta mentalidade, a força para auto-conduzir-se.

Nos últimos anos de sua vida, Comte passou a entender que a renovação social exigia a mudança moral dos indivíduos. O progresso das ciências promovia o esclarecimento, a nova mentalidade produzia, como decorrência, o altruísmo, e esta modificação transmutava o primitivo egoísmo humano. Esta compreensão do problema, Comte herdou de Claude Henry de Saint-Simon (1760-1825), seu antigo mestre. Foi seu mestre que aproximou o fazer ciência da mudança de compromissos pessoais. *A crença no progresso humano era oriundo não somente da atividade científica, mas de compromissos éticos nascidos desta prática* (Carvalho, 1997. p. 191). Saint-Simon transmitiu a Comte a confiança numa nova religião fundada no cientificismo e no humanismo. O fundamento dela não era mais um ser transcendente, mas a própria humanidade elevada à categoria de ser superior. Isto foi decisivo na herança deixada pelo positivismo comteano.

II. As teses positivistas e o ideal ético

Como movimento de renovação humana e de mudança social, o positivismo apostou na transformação da ciência numa espécie de guia epistemológico. Afirmou com convicção a possibilidade da ciência moderna estabelecer mecanismos de organização social e política mais eficazes que o acordo e as negociações consagrados pela tradição liberal. Esta leitura, um tanto ingênua, das conseqüências da prática científica no campo social ajudou a fomentar o otimismo ingênuo no final da Idade Moderna e apostar num novo ideal ético: o altruísmo. Eis como isto se processou:

a - Segundo o pensador, a razão passa por estágios pré-determinados em direção ao positivo (Comte denominara-os de religioso e metafísico). Os estágios primitivos são necessariamente menos complexos que o último. O estágio *teológico* possui etapas singulares: a *fetichista*, onde o mundo natural ganha características semelhantes à vida humana, a *politeísta*, na qual múltiplas divindades povoam o universo, e a *monoteísta*, onde um único Deus criou e dirige todo o universo. No estágio seguinte, entidades e Deus são substituídos por *forças vitais*, *alma vegetal* e outros constructos teóricos de natureza racional.

O movimento na natureza é considerado um esforço dos corpos para o retorno a um certo lugar natural. Quando o homem adquire maturidade cognitiva, todas estas explicações passam a ser percebidas como falaciosas. A humanidade atinge o último estágio. Nele os fenômenos são submetidos a leis rigorosas e a uma precisa invariabilidade. Positivo é, portanto, aquele estágio em que a razão reconhece simplesmente os fatos e suas relações, abandonando a tudo o mais como quimérico.

b - Na história humana, o estágio positivo corresponde à passagem de um governo militar ao regime industrial, transferindo a liderança social da nobreza para os industriais e a intelectual para os filósofos, esses defensores coerentes da nova moralidade. A compreensão de que a razão experimental é a forma mais madura de pensamento promoveu conseqüências na abordagem dos problemas humanos e sociais.

c - A razão experimental, fruto de longo processo evolutivo, alimenta um método superior, cujo produto é a ciência experimental (a). Como único método válido, ele deve ser utilizado em todos os campos do saber humano, inclusive na organização social e política das sociedades (b). Como o positivismo tornou-se um projeto de utilização da ciência moderna e instrumento de organização social, *as leis da sociologia fornecem ao mesmo tempo as leis da vida e da história* (D'Aster, 1952. p. 312). Emerge deste projeto um sentimento moral, o altruísmo, oriundo do processo educativo conduzido pelos novos líderes espirituais da humanidade.

III. As vertentes em França do positivismo comteano

O projeto de Comte estruturou-se, pois, em torno a dois momentos, no primeiro, as ciências assumiam o papel da filosofia e no segundo, este novo saber era alçado à condição de religião. Conforme a preferência atribuída a estes momentos, dividiram-se, em França, os discípulos de Comte, sendo legítimo falar-se de *duas vertentes principais*: a liderada por Emile Littré (1801-1881), com ênfase na primeira etapa da obra do filósofo, e a outra, com realce na religião da humanidade, estruturada em torno a Pierre Laffitte (1823-1903).

Ernest d'Aster considerou também uma vertente positivista, a tradição criada por Hippolyte Taine (1828-1893), que explicou a origem das obras de arte e dos fatos históricos a partir do meio, da raça e do tempo. No entanto, este autor não chega a ser tomado, por outros estudiosos, como continuador do legado positivista. Mais prudente seria situá-lo na área de influência do positivismo, que é muito vasta e agrega pensadores tão distintos como Ernest Renan (1823-1892) e Charles Maurras (1868-1952).

IV . As vertentes do positivismo no Brasil

O positivismo assumiu, no Brasil, várias feições, a primeira, de caráter religioso, organizada em torno do apostolado positivista, a segunda, de feição política, cuja expressão madura foi o castilhismo, havendo, ainda, um projeto de aproximar as idéias de Comte de uma ordem político-jurídica liberal. Esta última proposta, de difícil caracterização, é denominada por Antônio Paim de *positivismo ilustrado*. Ele o considera *uma variante do momento pedagógico do pensamento de Comte, de fato ultrapassado pela religião da humanidade* (Paim, 1997. p. 578). Consideremos cada uma dessas vertentes separadamente:

A *vertente religiosa* foi liderada por Miguel Lemos (1854-1917) e estimulava uma relação de obediência aos chefes da Igreja Positivista, porque eles, melhor que os outros, haviam superado o orgulho e a vaidade. Pressupunham, portanto, uma hierarquia social com base no mérito moral. Defendiam, ainda, uma reforma da legislação civil visando passar para o Estado o registro dos casamentos, óbitos e nascimentos, a abolição da escravatura e condenavam a migração chinesa. No âmbito político, não faziam qualquer concessão à democracia, defendiam um chefe supremo e a supressão do parlamento. O episódio do rompimento de Miguel Lemos com Quintino Bocaiúva trazia oculto a condenação explícita a uma República Democrática, denominada de metafísica, por Miguel Lemos, e associada, sem mais, à ordem social do Segundo Império. Bocaiúva não admitia a rígida hierarquia social propugnada pelo chefe da Igreja Positivista, o que foi suficiente para ser condenado por ele.

O castilhismo representa a *vertente política* do movimento. As teses centrais do movimento fundamentam-se no positivismo e alimentam um projeto nitidamente autoritário no âmbito político. Segundo Veléz Rodrigues, o castilhismo evoluiu doutrinariamente, sendo legítimo falar-se de três gerações de castilhistas:

a - a primeira delas desenvolveu-se em torno da constituição elaborada por Julio de Castilhos, em 1891. A característica principal deste projeto reside na identificação do poder público com o executivo em detrimento dos outros poderes, diminuição do valor da representação política, reservando à Assembléia papel puramente consultivo.

b - a segunda geração organizou-se em torno de Getúlio Vargas e Lindolfo Collor. Suas propostas básicas eram a presença intervencionista do Estado como forma de modernizar a economia, *solução orgânica da questão social de nítida inspiração saint-simoniana e comteana* (Rodrigues, 1997. p. 41), emprego da imigração como forma de reforço do planejamento estatal na economia, ênfase nos cursos técnicos e no ensino superior como estratégia de preparação dos novos quadros do estado, educação do homem público, afastando-o da defesa dos interesses particulares, valorização das forças armadas e dos funcionários

públicos no contexto da modernização do Estado, integração do país em torno do Governo Central.

c - a terceira geração organiza-se em torno das teses veiculadas por Oliveira Viana e Almir de Andrade. A ênfase nesta fase foi atribuída ao poder central, como estratégia para enfrentar o espírito de clã das pequenas comunidades, participação seletiva das elites no poder, mudanças na constituição com base no conhecimento científico, racionalização da burocracia estatal, política fiscal capaz de manter o valor pouco expressivo do investimento internacional. Almir de Andrade desejava superar os restos de uma ordem liberal, construindo uma democracia social onde as classes trabalhadoras conquistassem os benefícios já alcançados pelas classes médias e burguesa.

Na avaliação de Ricardo Veléz, *o castilhismo, revelou-se, portanto, como a mais agressiva e eficiente proposta de autoritarismo republicano modernizador, cujos efeitos se fazem sentir até hoje* (idem. p. 53). A razão é que apostam no saber como fundamento do poder em oposição à tese liberal da representação dos interesses.

O *positivismo ilustrado* é outra das vertentes assumida pelo positivismo brasileiro, ele congregou muitos e variados nomes. Um dos mais conhecidos foi Luis Pereira Barreto, que fazendo coro com os positivistas religiosos efetivou uma aberta pregação contra a universidade. Esta posição trouxe sérias conseqüências, porque estava próxima *de uma acepção de ciência que a coloca a serviço da transformação social* (Paim, 1997. p. 571). Lembremos, mais uma vez, que não fora outro o propósito do pombalismo. Na perspectiva teórica, Pereira Barreto anunciou o poder do conhecimento como agente de evolução cultural. Afirmou que *a grandeza política de uma nação jamais procede, mas sempre segue a sua grandeza intelectual* (Barreto, 1874. v. II. p. 7). Fica, pois, explícito qual era o principal aspecto da vertente, aderir à razão experimental sem constituir um projeto político que daí tirasse suas conseqüências.

Alberto Sales (1857-1904), outro membro deste grupo, dedicou-se a justificar os estudos jurídicos justamente tentando vinculá-los à ciência, repudiando a filosofia do direito. Pedro Lessa (1859-1921) também colocou as bases do direito na sociologia, entendendo-a, no espírito comteano, como uma ciência dos primeiros princípios da sociedade. Em síntese, aqueles que, adotando as idéias de Comte no que se refere ao propósito de mudança social, inclusive no campo educacional, preferem os procedimentos da democracia liberal, ao invés do totalitarismo castilhista, são genericamente agrupados como positivistas ilustrados. Estes teóricos são, a nosso juízo, herdeiros daquele momento do pombalismo *que incorporou as idéias de interesse e utilidade, transformando-se e iniciando uma etapa de desenvolvimento que permitiria paradoxalmente abrir-se a um diálogo com propostas liberais* (Carvalho, 1995. p. 158). O principal

deste esforço foi organizado por Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) que, no seu tempo, elaborou os mecanismos de transição entre o governo absolutista e um governo representativo. Seu esforço voltou-se para a edificação de *uma teoria capaz de justificar a liberdade e propiciar a implantação do direito constitucional* (Carvalho, 1998. p. 48).

Um bom exemplo desta vertente é o pensamento de João Pinheiro da Silva (1860-1908), que considerava ser de grande importância a difusão da ciência e da técnica para o progresso social. Esta ação educativa provocaria a reforma das mentalidades e a implantação de um novo regime social, ele acreditava. Adelmo José da Silva referiu-se à posição de João Pinheiro como a de um precursor da democracia, preocupado em orientar *a ação pedagógica para a conquista das consciências e das formas democráticas de coexistência social* (Silva, 1992. p. 63). João Pinheiro dirige o projeto social de difundir a iluminação e a ciência com o objetivo de valorizar os direitos dos indivíduos, a soberania popular, a liberdade de propriedade e a iniciativa privada. Embora herdeiro do projeto pedagógico positivista, João Pinheiro divergiu da filosofia política de inspiração positivista, sobretudo na sua forma mais radical, *cujá expressão acabada seria o castilhismo* (idem. p. 74). Ele discordou da entrega do comando da sociedade a uma elite reduzida e que, justificada por tal compreensão, devesse assumir a tarefa de conduzir o cuidado com a educação dos espíritos (idem. p. 73).

No que tange à opção religiosa, ele defendia a maior liberdade possível. Quanto às mudanças sociais, apostava na superação das etapas de desenvolvimento, segundo a explicação positivista. *O importante asseverou, seria, assim, alcançar e manter o último estágio da evolução da sociedade humana, amor, ordem e progresso seriam os elementos fundamentais indispensáveis a esse desideratum* (idem. p. 93).

No pensamento de João Pinheiro há, pois, o desejo de conciliar os ideais positivistas de progresso moral e social com os mecanismos políticos do liberalismo. Esta é uma combinação pouco comum, mas nem por isto inédita. Outras misturas pouco ortodoxas buscaram realizar o mesmo projeto. Embora, habitualmente, estejamos acostumados a vincular o desenvolvimento das idéias liberais às discussões em torno da moral social leiga e consensual na Inglaterra de Locke, há autores que encontram raízes mais antigas. Manuel Moreira, reportando-se a Hayek, afirmou que as raízes do pensamento liberal já se encontravam na escolástica tardia. A questão estava relacionada a uma terceira ordem posicionada entre o instinto e a razão. A solução apontada por aquele pensador é que o desenvolvimento da especulação em torno da ciência divina *ajudava a compreender o funcionamento das instituições sociais formadas espontaneamente* (Robertson, 1963. p. 59). Max Weber afirmou algo semelhante ao associar o sucesso da empreitada capitalista com o espírito protestante.

Assim, na história da filosofia, os momentos se misturam e é muito difícil apontar causas únicas ou desenvolvimentos lineares. As múltiplas combinações apontam inúmeras possibilidades, que estão presentes nas trilhas do pensamento. Assim, combinações como estas, que levaram a uma aproximação das teses pedagógicas do comtismo com a idéia de representação política, não são impossíveis, embora nem por isto deixem de impressionar pela raridade. Além disto, tornam-se movimentos de difícil caracterização, porquanto agrupam aspectos de mentalidades diversas.

V . A herança pombalina e sua influência nas vertentes brasileiras do positivismo

As vertentes francesas do positivismo referidas anteriormente não se reproduziram perfeitamente no Brasil, em que pese o enorme destaque atribuído pela intelectualidade brasileira às teses de Augusto Comte, resumidas anteriormente. Identificar as causas deste fato não é fácil. Antônio Paim vinculou tais diferenças ao conceito de ciência incorporado pelo pombalismo e à convicção ingênua de que isto promoveria automaticamente uma reforma dos costumes. A herança pombalina guiou a incorporação dos ideais positivistas na proporção em que também apostava na possibilidade de uma moral e uma política científicas, à semelhança do propugnado por Augusto Comte.

Os argumentos propostos por Antônio Paim na defesa de sua hipótese são as diferenças entre os puros ideais de Comte e as teses defendidas pelos positivistas brasileiros. Esses últimos assumiram, com maior ênfase, as teses comteanas que não contraditavam a herança pombalina. Eis alguns exemplos que parecem confirmar a hipótese de Paim:

a - Comte defendia a transformação das forças armadas em milícias cívicas; Benjamim Constant, ao contrário, justificava a organização militar e a considerava uma espécie de reserva moral da sociedade, papel que o Marquês de Pombal esperava fosse assumido, no seu tempo, pela nobreza educada no espírito da ciência experimental. A aproximação com as teses utilitaristas deu ao pombalismo um caráter pragmático. Um exemplo deste aspecto pode ser avaliado pela análise da peça *O indolente miserável*, que o pombalismo propagou. As ações que produziam melhor resultado econômico e social eram veiculadas como modelo a ser seguido. Roldão, o representante da antiga nobreza, na peça anteriormente mencionada, dispendia seu tempo com as armas, a caça, a cavalaria. Efetivamente, seu estilo de vida levou à decadência de sua casa e ao empobrecimento da família. Em contrapartida, a ênfase da peça é atribuída ao comportamento de Honório, seu filho, que educado na disciplina científica, gastava

seu tempo trabalhando, *planejando e governando dignamente aquela casa de heróis* (Carvalho Santos, 1991. p. 25). Honório fora educado no espírito da nova mentalidade, ficando subentendido que o aprimoramento humano advinha das artes e do conhecimento científico. Esta foi uma marca do pombalismo, acreditar que seria possível inaugurar novos hábitos e valores tendo como ponto de partida um modelo social de civilidade cuidadosamente planejado e ancorado no conhecimento científico. Este modelo de civilidade seria estendido automaticamente para todas as circunstâncias da vida social. Em outras palavras, a força do princípio que mudara a vida do personagem Honório podia ser aplicado e generalizado, sem mais nada, para toda a sociedade. Trata-se do mesmo raciocínio empregado por Newton na elaboração da física experimental, isto é, um princípio perfeitamente identificado era válido para as situações semelhantes. Por isto, José Esteves Pereira se referiu a esta solução ética como *newtonianismo moral* (Cf. Pereira, 1993. p. 11-24), diferenciando-a da moral empirista e do utilitarismo britânico, porque ainda conservava, no fundo, as mesmas preocupações moralizantes do neo-tomismo. A moral empirista e a utilitária, ao contrário, notadamente à partir de David Hume (1711-1776), abandonara a preocupação moralizante, ancorando os princípios universais da benevolência e da justiça na utilidade pública e não num bem supremo ainda presente na moral pombalina.

b - Augusto Comte distinguia os poderes espiritual e temporal, cabendo ao primeiro a obrigação de educar a humanidade. Benjamin Constant atribuiu, ao contrário, a tarefa da educação ao Estado, *entendendo a ação particular como meramente supletiva* (Paim, 1997. p. 569). Neste aspecto também vê-se a influência do pombalismo, porque os teóricos da arcádia lusitana apostaram justamente num tipo de educação científica patrocinada pelo Estado. A democratização dos ideais da ciência estabelecia, assim acreditavam, um clima de confiança entre os homens, um novo paradigma humano universalmente válido, que José Esteves Pereira mostrou nascer de uma mística descrição da natureza, associada a uma despreocupação com o fenômeno político.

c - Os positivistas republicanos mostraram desinteresse pela constituição da universidade e revelaram o mesmo propósito de organizar um ensino profissionalizante encontrado no pombalismo. Segundo explicou Paim, *a argumentação usada contra a instituição das universidades acha-se dissociada tanto da realidade nacional como da época moderna, na qual a universidade (...), perdia as características de instituição medieval para tornar-se centro de investigação científica* (idem. p. 570). Na realidade, o modelo alemão, que se generalizou como protótipo da universidade moderna, revela que *a universidade é o lugar onde a ciência se cria e se desenvolve* (Prota, 1987. p. 28), ao contrário do que propagavam os positivistas. Anísio Teixeira sugeriu algo semelhante

quando asseverou que o fato de, entre nós, a universidade não haver se tornado uma instituição humanística, nem de pesquisa científica, deve-se, entre outras coisas, justamente *ao substrato português, talvez ibérico*, (Teixeira, 1964. p. 43) que influenciou em sua gênese.

Conclusão

A herança ibérica, ou melhor, as dúvidas da geração pombalina, parecem haver contribuído decisivamente para dar às vertentes positivistas no Brasil um perfil singular. Este se revelou mais importante e duradouro que as vertentes encontradas no positivismo francês. A razão parece ser a necessidade sentida pela geração pombalina de encontrar novos motivos para a vida humana, de modo a dar outra dinâmica à realidade social. Esta questão preocupou os filósofos brasileiros no século XIX e pareceu, em certa ocasião, uma alternativa adequada. Nela se viu um modo de explicar a existência e dar sentido às desconcertantes dúvidas que acompanham o homem sempre que sua vida emerge da rotina como um pouco mais do que a realização de necessidades biológicas.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. v. X. Lisboa: Presença, 1970.

CARVALHO, José Mauricio de. *Caminhos da moral moderna; a experiência luso-brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

_____. *Mauá e a ética saint-simoniana*. Londrina: Ed. UEL, 1997.

_____. *Contribuições contemporâneas à história da filosofia brasileira*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

D'ASTER, Ernest. *Histoire de la philosophie*. Paris: Payot, 1952.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é o esclarecimento. In: *Textos Seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PAIM, Antônio. *A história das idéias filosóficas no Brasil*. - 5. ed. - Londrina: Ed. UEL, 1997.

- _____. *Modelos éticos*. Curitiba: Champagnat, 1992.
- PEREIRA, José Esteves. Alcipe e as expressões de poesia didascálica e de newtonianismo moral no século XVIII. In : *Cultura*. v. VII. Lisboa: UNL, 1993.
- PROTA, Leonardo. *Um novo modelo de universidade*. São Paulo: Convívio, 1987.
- ROBERTSON, H. M. *Aspects on the rise of economic individualism*. Cambridge: University Press, 1963.
- RODRIGUES, Ricardo Veléz. Getúlio Vargas, o castilhismo e o estado novo. In: *Carta Mensal*. 43 (155): p. 33-56, 1998.
- SANTOS CARVALHÃO, J. J. *Literatura e política, pombalismo e anti-pombalismo*. Coimbra: Minerva, 1991.
- SCIACCA, Michele Federico. *História da filosofia*. v. III. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- SILVA, Adelmo José. *O pensamento filosófico e político de João Pinheiro*. Rio de Janeiro: UGF, 1992.
- TEIXEIRA, Anísio. A universidade de ontem e de hoje. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. n . 5, jul./dez. de 1964.